

Drogas: O Problema é Nosso¹

Luciana de Castro CUNHA²

Luana Mayara Gomes BASTOS³

Antonio Laudénir Oliveira dos SANTOS⁴

Edgard Patrício de Almeida FILHO⁵

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A série de reportagens “Drogas: O problema é nosso” busca suscitar o debate sobre a problemática em torno do consumo de drogas. Através de cinco reportagens, a série investe na apresentação do perfil do dependentes químicos no Ceará, das questões que envolvem a internação, os atuais tipos e formas de tratamento contra a adicção e também reporta estratégias de prevenção e combate ao tráfico. Apesar de ser pauta recorrente na mídia, o tema se torna relevante por tratar de uma questão social que envolve vários aspectos como saúde, polícia e educação. O objetivo dos discentes foi abordar a temática da forma mais variada possível, através da prospecção de dados e investindo da riqueza de fontes consultadas, possibilidades que uma série de reportagens é capaz de oferecer.

PALAVRAS-CHAVE: drogas; dependência química; rádio; reportagem

INTRODUÇÃO

Fortaleza é a segunda capital do Brasil em consumo de *crack* entre estudantes; é o que aponta o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), através de estudo realizado em 2014, sobre o uso de drogas ilícitas entre estudantes de Fortaleza e demais capitais brasileiras.

De acordo com o ranking elaborado pelo núcleo de Informação, Pesquisa e Banco de Dados da Coordenadoria de Políticas sobre Drogas (CPDrogas), da Prefeitura de Fortaleza, *crack*, álcool, cocaína e maconha, são nessa ordem, as drogas mais consumidas pelos usuários atendidos no Centro Integrado de Referência sobre Drogas. Ainda, segundo o levantamento, 82% dos usuários atendidos no centro são do sexo masculino e 76% têm entre 19 e 45 anos.

A Central Única das Favelas estima que existem cerca de cem mil usuários de drogas no Ceará. 30% deste contingente reside na Capital. Em 2013, a pedido do Ministério

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria JO 05 Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo, modalidade Jornalismo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Universidade Federal do Ceará - UFC, email: ludecc@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: imbastos23@gmail.com

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: antoniolaudenir@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFC, email: edgard@ufc.br

da Justiça, a Fundação Oswaldo Cruz traçou um perfil dos usuários de *crack* no Brasil. Os dados da Instituição apontam que são adultos jovens, com idade média de 30 anos. 78,7% deles são homens, 80% não brancos e 60,6% solteiros. A maioria possuíam baixa escolaridade e 40% dos pesquisados viviam em situação de rua.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define um dependente químico através do padrão de uso da substância que deve ser: de forte desejo de consumo, dificuldade em controlar o uso, necessidade de doses maiores e o consumo em lugares e horários inadequados. Se, durante o período de doze meses, o usuário apresentar pelo menos três destes comportamentos, deve-se procurar tratamento.

Para a OMS, droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que atue sobre um ou mais de seus sistemas alterando seu funcionamento. Durante a apuração e pesquisa para as reportagens, foram consideradas apenas drogas ilícitas, com exceção do álcool.

Diante destes números e do perceptível problema social causado pelas drogas em Fortaleza, e no País como um todo, os discentes do quinto semestre do curso de jornalismo escolheram o tema como pauta para a execução da reportagem especial desenvolvida durante a disciplina de Radiojornalismo II, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

OBJETIVO

A partir da produção de uma série composta de cinco reportagens para a mídia rádio, a equipe objetivou praticar os conhecimentos teóricos acadêmicos próprios da disciplina, assim como pesquisar, aprofundar e executar todos os processos da produção jornalística como definição de pauta, apuração, entrevistas, locução e edição.

Considerando que muitas vezes o debate sobre drogas é vinculado ao campo da política partidária, fato que permeia a forma estereotipada como o tema é tratado na mídia tradicional, ou permanece restrito à comunidades especializadas, como a da saúde, por exemplo, a equipe compreendeu que a temática se enquadrava na potencialidade de alcance, proximidade com o público e popularidade da linguagem radiofônica.

JUSTIFICATIVA

“Drogas: o problema é nosso” busca informar aos ouvintes sobre o perfil dos dependentes químicos, o cenário das drogas no Ceará, aspectos da internação, o combate ao tráfico e a prevenção da dependência.

A equipe buscou utilizar a comunicação e o alcance do rádio como uma forma de disseminar a informação, estimular a cidadania, o respeito aos dependentes e conscientização sobre o risco do uso de drogas. No que diz respeito à comunicação como ferramenta capaz de incentivar o exercício da cidadania, Melo (2009) aponta que “o direito de informar e de receber informação constitui o fermento da cidadania, o oxigênio que nutre a vida democrática, convertendo o jornalismo e a democracia em irmãos siameses.” (MELO, 2009, p. 57)

A série foi um projeto capaz de envolver a equipe em todo o processo de construção, e que viu no suporte rádio a possibilidade de trabalhar de forma mais aprofundada. A opção pelo meio, se deu principalmente pelo alcance e proximidade ímpares da plataforma com o receptor da mensagem, características caras à temática. Como Rodero Antón (2005) salienta, o rádio explora essa capacidade de aproximar, de informar e de emocionar dos elementos sonoros, gerando um vínculo entre grupos, sujeitos e informação.

Abordar tantos aspectos e o aprofundamento só seria possível no formato reportagem, e uma temática vasta como as drogas, em uma série.

Como Prado (1989) define, a reportagem é uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema. Estas representações fragmentárias compõem um fio condutor que é o fato central. Ao fato central se juntam aos poucos outras representações fragmentadas de fatos adjacentes, que contribuem para a compreensão do tema.

Entendemos então que uma série de reportagem no rádio sobre drogas alcançaria perfis tão variados de público quanto o perfil das pessoas relacionadas com o tema.

METODOLOGIA

Após aulas expositivas sobre as teorias, as possibilidades do fazer jornalístico no rádio e exercícios práticos, foi proposto aos alunos que pensassem em temáticas que rendessem, com qualidade de informação, uma série de cinco reportagens. Após reflexões, discussões sobre outros temas, os alunos optaram por tratar da temática das drogas através dos aspectos e pelas justificativas já apresentadas anteriormente.

Abordado muitas vezes com preconceito e de forma estigmatizada, o tema por vezes impõe o desafio de uma abordagem que desperte o interesse do público em consumir mais um produto jornalístico sobre drogas, e a atenção do ouvinte é o grande objetivo da produção radiofônica.

Como afirma Martínez-Costa (2001), o ouvinte é o elemento central de qualquer peça do rádio, e a linguagem radiofônica é múltipla, ainda que seja exclusivamente sonora e oferece possibilidades variadas de diálogo e a aproximação com o público. Essa forma de linguagem foi uma aliada importante na entrevista de personagens que já tiveram algum tipo de envolvimento com entropocentes.

Por se tratar de um aspecto muito íntimo e delicado da vida pessoal, a timidez em dar entrevistas, o receio da foto ou do vídeo era muito grande entre os personagens das reportagens, mas quando apresentado apenas o gravador de voz, as personagens concediam as entrevistas mais aberta e tranquilamente.

As funções expressiva e descritiva foram priorizadas durante as reportagens, mesmo com a convivência das duas, a expressiva predomina, principalmente aliada aos personagens e às histórias de vida, explorando o caráter emocional da função.

Todas as etapas foram desenvolvidas pelos estudantes com a supervisão do professor, pauta, pesquisa, produção, apuração, roteiro, sonorização e edição.

A elaboração das pautas era feita de forma a contemplar o aspecto tratado em cada uma das reportagens da série. As pesquisas foram realizadas em consulta direta aos órgãos responsáveis pela pesquisa, como o CPDrogas da Prefeitura de Fortaleza ou através das páginas oficiais na internet, como por exemplo o da Fiocruz. A preocupação das fontes de informação das pesquisas reflete o zelo e a responsabilidade dos estudantes com a qualidade da informação que seria divulgada, o que reflete na credibilidade do produto.

Visando o fator determinante da reportagem, o aprofundamento, além do levantamento de dados sobre o assunto, pesquisas sobre a temática, foram realizadas muitas entrevistas com fontes oficiais, representante de órgãos da prefeitura de Fortaleza, e do governo estadual, organizações do terceiro setor, como também com pessoas que passaram diretamente ou indiretamente com o consumo de drogas.

A entrevista foi um método de apuração imprescindível para a qualidade do produto. Baseados na definição de Caputo (2006), em que a técnica é definida como a aproximação que o jornalista faz da realidade, a partir do próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos, a equipe buscou tratar o tema com sensibilidade, firmeza, e seriedade. Por isso, quando "o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro" (CAPUTO, 2006, p.28).

Buscando viver a experiência da melhor forma possível, todas as entrevistas foram exclusivas e realizadas presencialmente durante encontros em locais indicados pelos entrevistados, ambientes em que eles pudessem se sentir a vontade para falar.

“A expressão “entrevista exclusiva” tem valor de marketing embora toda entrevista individual seja exclusiva (dificilmente alguém repete exatamente as mesmas formulações em duas conversas diferentes), valoriza o eventual esforço de reportagem e o conteúdo inédito das declarações obtidas.” (LAGE, 2001, p.78)

Ainda de acordo com Lage (2001), podemos afirmar que as entrevistas dos personagens tiveram aspecto testemunhal, em que elas relatam suas experiências e impressões pessoais sobre algo que participou ou assistiu. No caso delas, sobre o cotidiano do envolvimento com as drogas. Lage (2001) diz que, em geral “esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas” (LAGE, 2001, p. 75).

Após apuração o desafio foi roteirizar as reportagens de acordo com a linguagem própria do rádio, entre as características discursivas mais comuns no meio, como destaca McLeish (2001), estão o texto escrito (oralizado pela voz), o silêncio, a música e os efeitos sonoros. Através da combinação deste elementos, segundo o autor, é possível uma compreensão mais rápida, ou em mesmo mais completa, da informação. A compreensão rápida da informação é necessidade característica do rádio, já o ouvinte não pode “voltar” a transmissão e consumir novamente o que acaba de ouvir, com exceção da veiculação pela internet, o que não era a proposta da atividade.

A locução das reportagens e a edição foram realizadas em conjunto para que fosse garantida a harmonia entre a locução e os efeitos sonoros. É através da entonação que se pode atribuir maior sentido ao texto locutado. Em parceria com as demais características da linguagem, a entonação permite que se compreenda a notícia sob distintas perspectivas e propicia também diferentes níveis de aproximação entre a emissora e o ouvinte.

Na construção da reportagem foi importante ter em mente três elementos: a trilha, a entonação e os efeitos e/ou sons ambiente. Para Balsebre (2007) a música é indispensável no rádio e na transmissão da informação. Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) ressaltam a importância de pensar a trilha sonora a partir da harmonia e da melodia que ela apresenta para que, desta forma, informação sonora e informação textual oralizada possam ser complementares. Por isso a variação da trilha sonora da locução entre as reportagens da série, a busca da harmonia entre locução e informação.

Outro fator importante é a saída da trilha sonora e a permanência do silêncio durante a fala das fontes, a necessidade se fez basicamente por dois motivos, garantir o ritmo da narrativa na locução, atribuição que não compete ao entrevistado e principalmente, para dar destaque ao que está sendo dito pela fonte, além da aparição de sons referenciais dos locais das entrevistas, o que ajuda a compor a informação.

A facilidade de acesso a informações pelo rádio e a proximidade que ele sugere com a informação, por vezes propõe uma falsa impressão de que o fazer jornalístico deste meio é tão simples quanto seu consumo.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto “Drogas, o problema é nosso” é uma reportagem especial dividida em cinco capítulos produzida durante a disciplina Radiojornalismo II, da Universidade Federal do Ceará. (UFC). Orientados pelo professor Edgar Patrício, a problemática das drogas no Ceará foi a pauta escolhida pelos alunos do 5º semestre Antonio Laudenir, Luana Bastos, Luciana Castro, Luciana Herculano, Jonas Daniel e João Paulo.

Foi levado em consideração que a reportagem radiofônica é um dos momentos em que o meio pode sair do imediatismo dos fatos, desenvolver o aprofundamento da informação, a discussão e a reflexão. Prado (1989) a aponta como o elemento mais “rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa”. Jung (2004) complementa: “É na reportagem que o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte.”

Também foram aplicadas as características citadas por Jorge (2008), sobre humanização e contexto social, na seleção de entrevistados que tivessem vivenciado o problema. Foi construindo um argumento central com uma abordagem panorâmica que é reiterado a cada na reportagem e condensado de encerramento.

Com o intuito de reportar o cotidiano de personagens reais, unidos em torno dos desafios que configuram ser ou ter um dependente químico na família, a produção apurou junto às esferas públicas, privadas e terceiro setor como estão concentradas as atuais frentes de combate ou redução dos danos causados pela droga.

Entre 11 de fevereiro e três de junho de 2014, período relativo à duração da disciplina, a turma participou da leitura de textos acadêmicos, análise de reportagens em rádio, escolha do tema, apuração, produção e veiculação do Especial. As reportagens foram divididas nos eixos temáticos “O que são as drogas e como reconhecer a dependência”,

“Internação”, “Tratamentos, parcerias e recursos”, “Combate ao tráfico” e “Dependência química”.

No capítulo introdutório, “O que são as drogas e como reconhecer a dependência”, o ouvinte teve acesso a um levantamento sobre o perfil social de adictos, que características, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) definem um dependente químico e como o Coordenador Estadual da Central Única das Favelas (CUFA), Del Lagamar, lida com usuários de *crack* em diversas comunidades de Fortaleza.

Em “Internação”, pontos como o testemunho de familiares de dependentes, políticas públicas voltadas para o tratamento e como profissionais ligados ao dia a dia de clínicas de reabilitação lidam com os pacientes foram abordados. Em “Tratamentos, parcerias e recursos”, a reportagem investiu na investigação sobre o desempenho de políticas públicas direcionadas aos usuários.

O testemunho de um dependente abre o capítulo “Combate ao tráfico”. A reportagem abre espaço para que o Inspetor da Delegacia de Narcóticos (Denarc), Marcos Sales, evidencie as diferenças entre usuários e traficantes e como a Constituição Brasileira age judicialmente em casos de apreensão de entorpecentes, prisão ou recolhimento de suspeitos.

O Especial é encerrado com o tema “Dependência química”. No último capítulo, foram apresentados números sobre usuários de maconha e crack, estratégias de prevenção entre o público infantojuvenil e como o contexto de um usuário afeta a realidade de familiares. Agentes da lei como a inspetora Luiza Helena Barros e a Coordenadora do Desafio Jovem Doutor Silas Monguba, Verbena de Paula, detalham traços de um cotidiano voltado ao enfrentamento direto da problemática.

CONSIDERAÇÕES

A oportunidade de vivenciar as etapas de produção de uma reportagem especial radiofônica denunciam dois pontos de relevante importância no meio Acadêmico: O desafio de produzir diante das escassas condições estruturais da Instituição Federal e a oportunidade de trazer retorno à sociedade através dos produtos gerados em sala.

Com “Drogas, o problema é nosso”, os estudantes tiveram a oportunidade de discutir um tema com ampla relevância na sociedade brasileira. De personagens ligados ao poder público, passando por familiares e até mesmo, usuários, os discentes puderam colocar

em jogo temas como ética, e como uma pauta, muitas vezes considerada árida, pode ser reportada através de um olhar humanizado e crítico.

A experiência de realizar um produto seriado, materializando as teorias apresentadas em sala de aula é laboriosa, mas gratificante. Como seguimento jornalístico, depõe como a problemática das drogas ainda carece de uma observação mais incisiva e aprofundada dos veículos de comunicação tradicionais.

Mesmo reconhecendo que muitos dos autores citados durante o *paper* baseiam suas afirmativas através do jornalismo impresso, entendemos que as mesmas características se aplicam na experiência radiofônica. É válido pontuar como processos de pesquisa e imersão são enriquecidos através da oportunidade do repórter estar na rua. Ambiente, que em algumas redações pelo País ficam relegados a algumas editorias.

Consideramos que trabalhar em um tema com poder de atuação sobre públicos e realidades tão diversas foi fundamental para o processo de ensino permitido ao Curso de Jornalismo. Retratar personagens tão díspares revela uma faceta cravada no respeito dos futuros profissionais com o fazer jornalismo. Como experiência única, pretende os alunos, que o trabalho siga o caminho de informar, conscientizar e prover a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALSEBRE, A. **El Lenguaje radiofónico**. 5ª Ed. Madrid: Cátedra, 2007.

CAPUTO, Stela Guedes. *Sobre entrevistas: Teoria, prática e experiências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELO, J.M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINEZ-COSTA, M. P. (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____; DÍEZ UNZUETA, J.R. **Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica**. Pamplona: EUNSA, 2005.

MCLEISH, R. **Produção de Rádio: Um guia abrangente de produção radiofonia**. São Paulo, Summus, 2001.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989

RODERO ANTÓN, E. **Producción Radiofónica**. Madrid: Cátedra, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.